

### "O Bibliotecário que Mediu a Terra"

Esta história começa há mais de dois mil anos, quando um bebê muito esperto nasceu na Grécia Antiga. Deram a ele o nome de Eratóstenes. Desde muito pequeno, o menino vivia cheio de indagações e assombros. Quando cresceu, não importava para onde fosse ou o que estivesse fazendo, sua curiosidade e suas perguntas levaram-no de uma descoberta a outra. Mais do que tudo, porém, Eratóstenes queria descobrir como medir a Terra.

Já sabia que a Terra era redonda, mas ninguém sabia qual era o tamanho do seu contorno. Eratóstenes tinha consciência de que não poderia sair andando em volta da Terra para medi-la, mas será que conseguiria calcular a medida sem sair do lugar?

A maneira como o conseguiu, chegando a um resultado que tem uma diferença de apenas trezentos e vinte quilômetros em relação aos nossos cálculos modernos, é não somente uma história estimulante, mas uma exaltação à curiosidade e um tributo às mentes investigadoras.

Editora Moderna

## O narrador da crônica reinaldiana

Elaine Azambuja de Lima\*

A crônica é uma forma narrativa que se apóia na temporalidade, vale dizer, na sucessão de acontecimentos e na transformação, no decurso do tempo, dos fatos relatados. Como forma narrativa é considerada um ato de comunicação, "seqüência de sinais dirigidos a um narratário e interpretados em função dele, das suas relações com o narrador";<sup>1</sup> nela, ocorre, como no romance, na novela e no conto, o pacto entre autor e o leitor, entre narrador e narratário.

Procurando olhar mais de perto o trabalho que Reynaldo Moura desenvolveu em suas crônicas, descobrimos que os recursos a que lança mão e as técnicas que usa são, muitas vezes, uma questão de ofício consciente outras de inconsciente *savoir-faire*. Isso não as valoriza ou desvaloriza, apenas revela que o cronista tem um modo de ver a realidade, para depois a contar. E, ao contá-la, estabelece o pacto narrativo.

Assim, dizer da relação entre autor, narrador, narratário, leitor, implica primeiro distinguir entre autor e narrador. Basta lembrarmos que *narrador* não é autor; é aquele que possui a função, no texto, de relatar, contar. Também devemos lembrar que "a categoria de autor é a do escritor que coloca todo o seu ofício, todo o seu passado de informações literárias e artísticas, todo o seu caudal de conhecimento e idéias [...] ao serviço unitário da obra que elabora".<sup>2</sup> É evidente que as perguntas: *Quem fala?*, *Quem disse isso?* Colocada pela crítica em relação à crônica, a resposta correta é o narrador, porque o autor dá a palavra a um narrador. Ele organiza, seleciona, significativamente, as

\* PUCRS.

<sup>1</sup> BOURNEUF, Roland; OUELLET, Réal. *O universo do romance*. Coimbra: Almedina, 1976, p. 100.

<sup>2</sup> TACCA, Óscar. *Las voces de la novela*. Madrid: Gredos, 1973.

partes e as apresenta a partir de uma visão alicerçada em três parâmetros: o ponto de vista, a distância (temporal, espacial e existencial) e a consciência.<sup>3</sup> Então, quem interessa analisar, nas crônicas de Reynaldo Moura publicadas na imprensa gaúcha, em específico no *Correio do Povo*, é o narrador, pois é ele que arma o jogo, para que a caracterização do relato, da informação.

A visão do narrador determina a perspectiva da crônica, e esse aspecto tem sido caracterizado de diversos modos, por diferentes teóricos como Friedman, Pouillon, Kayser, Henri James, Stänzel, Booth, Uspenski e outros. Para analisarmos a crônica de Reynaldo Moura, pareceu-nos melhor trabalharmos com a proposta de Wayne C. Booth, crítico norte-americano, que, em 1961, publicou um livro que causou um grande impacto nas idéias correntes sobre a arte da narrativa intitulado *A retórica da ficção*.

Não entraremos em detalhes na proposta de Booth, por ser vasta e interessante, mas em síntese o que ele propõe é considerar falsa a idéia de que o autor possa realmente desaparecer da crônica (da ficção), pois por mais apagado que ele esteja, deixa perceber o seu controle sobre a narrativa. Conforme suas próprias palavras, "o autor pode numa medida escolher disfarçar-se, mas não pode nunca escolher desaparecer". Outro aspecto importante de sua teoria é a criação do termo *autor implícito* (*implied author*) para indicar o *segundo ser* do autor, isto é, o autor tal como ele se apresenta na própria obra, diferenciando-se de como ele é na vida real. Ao lado do autor implícito, Booth coloca os narradores, mostrar que, através dos relacionamentos estabelecidos e estruturados entre os vários tipos de narrador e as estruturas internas da obra, apresenta uma maior importância a relação do autor com o leitor. Segundo ele, *o como escrever* toma sentido em função do *para quem escrever*.<sup>4</sup>

As visões narrativas ou pontos de vista que são, para ele, a organização interna; o relacionamento narrador e as personagens e das personagens entre si, o relacionamento entre o narrador e as normas do leitor; entre o autor implícito e leitor e as personagens. Todas essas relações estão marcadas pela distância que pode existir em vários eixos ou categorias: moral, intelectual, etc. As vozes representadas pelos diversos modos de

narração e apresentação são os recursos utilizados nas diferentes narrativas.

Na produção de Reynaldo Moura, procuramos observar como se apresentam as vozes narrativas na elaboração de todos os tipos de crônicas selecionadas para tal estudo. Através do narrador há possibilidade de se observar porque Reynaldo Moura alcança a transcendência quando fala, por exemplo, nas mãos de Carmem Miranda ou quando, ao enumerar e nomear os gatos que vivem na sua rua e bairro, realiza crítica social.

Ao fazer um Comentário<sup>5</sup> para os editoriais colaborações, do *Correio do Povo*, o narrador refere-se a determinadas pessoas que pensavam que *tudo no mundo se movimenta em função do estômago* e que a literatura voltava-se toda para a questão social. Por meio de um posicionamento pessoal e crítico, o narrador dá um *puxão de orelhas* naqueles que pensam dessa forma: *conforme opinião de certos cavalheiros de visão unilateral...*

Assumindo um posicionamento distanciado, a princípio, diante do assunto exposto, o narrador percebe que a inquietação humana não é tão simples e superficial como muitos pensam e que a literatura, apesar das transformações sociais e econômicas vividas na época, oferecia elementos para o deleite do espírito. Ainda assim, muitos intelectuais, continua o narrador, acham que a missão da literatura deve ser social. Nesse episódio de posicionamento do narrador, percebemos uma proximidade intelectual desse com o autor implícito. No desenrolar da narrativa, em determinada parte do texto, o narrador evoca o leitor implícito, a fim de revelar-se e assumir definitivamente o seu posicionamento, o seu ponto de vista com relação ao assunto: *como vê o leitor há cavalheiros radicais em todos os assuntos*.

Na verdade o narrador, conhecedor do assunto, manobra com o texto a fim de conseguir que o leitor compartilhe de suas idéias, ou seja, mesmo que no período (na década de 30) houvesse predominância de temas sociais, não somente desses temas inquietantes vive o espírito do homem moderno. Ainda com o intuito de conquistar o leitor, o narrador opina sobre a arte, dizendo que ela, constituindo-se nos reflexos de nossas angústias diárias, apresenta suas compensações *se o livro estiver tocado pela magia das coisas espontâneas*, aí a arte terá desempenhado o seu verdadeiro papel. Ele tenta mostrar ao leitor que existem radicalismos e que a arte precisa ser livre e natural. O

<sup>3</sup> FERANDES, Ronaldo Costa. *O narrador do romance - e outras considerações sobre o romance*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996, p. 12.

<sup>4</sup> Cf. BOOTH, Wayne C. *A retórica da ficção*. Lisboa: Arcádia, 1980.

<sup>5</sup> MOURA, Reynaldo. Comentário. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 3 jan. 1935. Editoriais/Colaborações.

narrador reynaldiano estabeleceu uma norma tácita de procedimento. Com isso cria uma atmosfera de verdade. A partir daí ele tenta convencer o leitor de que aquela história, ainda que fictícia, poderia ser real.

O importante nesse Comentário talvez nem seja o assunto tratado, mas o posicionamento do narrador fidedigno, que, a princípio, reservado, para logo adiante revelar sua opinião bem definida, tenta conduzir o leitor a uma correção ou reformulação de suas próprias idéias em relação ao assunto apresentado.

As crônicas analisadas e, apenas mostrada uma pequena parte, foram agrupadas em cinco eixos temáticos: político, cultural, social, existencial e comentários em geral. Caracterizam-se por apresentarem os mesmos meios pelos quais o narrador consegue controlar seu leitor de modo a fazê-lo participar de seu sistema de valores.

Considerando-se as diferentes vozes do autor que, segundo Booth, se fazem ouvir através de diferentes técnicas, nas crônicas reynaldianas observamos que a constante presença do autor implícito é marcada pelas falas dirigidas diretamente ao leitor: "Como será o Brasil que estamos preparando agora com o calor do nosso entusiasmo" (*Bandeira do Brasil*). Ou pelos comentários e juízos sobre as personagens e fatos: "[...] essa espécie inútil e perigosa de colocadores de pronomes, ainda não bem classificados nos exames zoológicos" (*Língua de Trapo*).

O autor implícito distingue-se do narrador de cada crônica. O narrador reynaldiano, em primeira ou terceira pessoa, relata os acontecimentos de modo fidedigno. É, portanto, conforme a teoria de Wayne C. Booth, um narrador digno de confiança.

Em razão da organização interna das crônicas, e das relações do narrador com as personagens e das personagens entre si, as vozes narrativas presentes em cada texto são meios de se estabelecer a comunicação. Assim, os comentários permitem ao cronista dar fatos, resumir informações, sublinhar a significação de certos argumentos, agir sobre as crenças do leitor, como pôde ser constatado nas crônicas estudadas.

Esse narrador heterodiegético, onisciente e visível, conduz cada crônica de forma objetiva e autoritária, dominando não apenas o universo diegético, mas principalmente o universo do leitor que passa a ser o mundo dos escritores, da literatura, da vida política e social e do mundo existencial, segundo a ótica do narrador.

A construção das crônicas aqui analisadas revela a maestria de Reynaldo Moura que, para conseguir o efeito de persuasão sobre o leitor, recorre ou ao diálogo, ou à aproximação da exposição poética, ou ainda, a uma cadeia de associações que levam à exortação dos símbolos da nacionalidade como em *Bandeira do Brasil*. Salienta-se, entretanto, que as figuras do narrador e do autor implícito sobrepõem-se e organizam um sistema expressivo perfeito.

E aí se encontra o valor de Reynaldo Moura que dizendo as coisas mais sérias através de aparente conversa de bar (*Vozes de Ariel*), ou fazendo descrições da vida ou desenhos de certos tipos humanos, experimentando ou relacionando sobre tudo que o cerca e sobre as coisas do Rio Grande do Sul e do Brasil, escreve histórias e as inscreve no tempo.

### Referências bibliográficas

BOOTH, Wayne. *A retórica da ficção*. Lisboa: Arcádia, 1980.

FERNANDES, Ronaldo Costa. *O narrador do romance e outras considerações sobre o romance*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1996.

KAYSER, Wolfgang. *Análise e interpretação da obra literária*. 3. ed. Trad. Paulo Quintela. Coimbra: Armânio Amado, 1963. v. 2.

LIMA, Elaine Azambuja de. *Reynaldo Moura: crônicas do Correio do Povo (1934-1944)*. Dissertação de mestrado em Letras - Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.